SEGUNDA PARTE
O INTELECTUAL POR TRÁS DO SERVIÇO DE HIGIENE MENTAL

"Meu coração tem um sereno jeito
E as minhas mãos o golpe duro e presto
De tal maneira que, depois de feito
Desencontrado, eu mesmo me contesto
Se trago as mãos distantes do meu peito
É que há distância entre intenção e gesto
E se o meu coração nas mãos estreito
Me assombra a súbita impressão de incesto
Quando me encontro no calor da luta
Ostento a aguda empunhadora à proa
Mas meu peito se desabotoa
E se a sentença se anuncia bruta
Mais que depressa a mão cega executa
Pois que senão o coração perdoa"
(Fado Tropical– Chico Buarque/ Ruy Guerra – Elogio à Traição)

Tentei nos capítulos da primeira parte da Tese identificar e discutir o contexto político-social e as circunstâncias envolvidas na criação, na organização, no funcionamento do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental (SOHM), a partir da relação mantida com o projeto anisiano, do qual fez parte, assim como as intervenções nas chamadas "escolas experimentais", na Capital da República – Cidade do Rio de Janeiro, nos anos de 1930.

No contexto da cidade e no fluxo de relações sociais e representações do espaço urbano a ação do SOHM buscou alcançá-la, objetivando ações junto às escolas, às famílias e as "comunidades", produzindo um conjunto de referências para o debate sobre "criança", "higiene mental", "relação escola e famílias", "civilizar". Projetou-se em termos individuais e coletivos, através das suas práticas.

Na segunda parte, na composição do trabalho acadêmico, a descontinuidade narrativa pode estar presente, devido à inversão do eixo de discussão. A partir da trajetória do intelectual que chefiou o SOHM – o médico-antropólogo Arthur Ramos - alcançar o Serviço, em suas possibilidades e limites.

> Isso se dá porque, como em outras situações, um grupo intelectual não é constituído sobre a totalidade dos elementos presentes no trabalho de cada um dos seus membros. [...] Não poderia ser de outro modo, já que a qualidade peculiar do material a partir do qual os grupos se constituem, suas unidades básicas, não são indivíduos inteiros, mas uma parte ou porção dos seus interesses que se "conformam" de algum modo àquelas aspirações e projetos comuns (ESPADA LIMA, 2006, p. 145)

Contudo, acredito ser relevante reafirmar as motivações para tal escolha de escrita. Primeiramente o fato do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental seguir orientação de Arthur Ramos, intelectual e pensador social ousado para o seu tempo, uma personagem forte na documentação ativa ou passiva, direta ou indiretamente, relacionadas com ele. Não foi possível esquecê-lo.

Na solidão dos arquivos, percorrendo pastas relativas ao SOHM; lendo cartas de Ramos e para Ramos; tendo contato com textos datados e não datados; manuseando as quatro edições do livro "A Criança Problema", inúmeros atores sociais se deixavam perceber através da documentação, entre eles, também, o intelectual.

Outra razão está ligada aos trabalhos de pesquisa sobre intelectuais, os quais estiveram por algum tempo no "limbo" dos trabalhos historiográficos. Jean- François Sirinelli no livro "Génération intellectuelle (Khângneux et Normaliens dans l'entre-deux- guerres)" [1] ao estudar a trajetória, a rede de sociabilidade da geração francesa entre-guerras, aborda a delicadeza dessa temática na historiografia.

Na conclusão de sua obra, interroga: Génération normalienne ou génération intelectuallle? Discordâncias se apresentam ao buscarmos respostas a pergunta dessa natureza. Sirinelli (1988) seguindo a base teórica da história política analisa.

> De la même maniére et pour répondrer à l'une dsa questions posées dans cette recherche, les classes d'âge normaliennes nées de part et d'autre de 1905, constituent plus qu'une dizaime de promotions et forment une strate de jeunes gens sensiblement du même age dont um grand nombre ont eu alors, chevillé ao coeur, um pacifisme militante, instillé para le groupe socialiste ou par lês chartiéristes. Certes, ces jeunes normaliens ne sont forment le sous-ensemble Le plus nombreux rue d''Ulm – si on laisse de côte le groupe tala, aux contours pacifistes – et, surtout, ils sont parvenus, notamment dans la presse au moment des incidents antimilitaristes, à incanter leurs génération normalienne. [...]. Pour l'opinion publique des Années folles – tout au moins l'opinion constituent le lectoral, des grandes jornaux nationaux - , l'amalgame était sans doute fait et la cause entendue: l'École normale supérieure était une serre pacifique, et tous les élèves y étaient loges à la meme enseigne.
> Reste pourtant une autre question essentielleaaa; cette generation normalienne pacifiste était-elle à l'image de la jeune classe intellectuelle tout entire? Il faut ici nuance la réponse.[...] De chapitre VIII, l'Action française, avant que vienne pour elle le temps des crises, constitue um autre champ magnétique puissant, attirant notadamente nombre d'étudiants.
> Les khâgnes et l'École normale supérieure étant, pour leur part, nettement orientées á gauche, la generation qui en est issue n'est donc representative que d'un Rameau de la génération de 1905. Mas pour ce rameau, lês classes préparatoires et da rue d'Ilm constituainte assurément um observatoire de premier plan. Nous l'avons déjà signalé, ce milieu apparaît, après inventaire, comme vibrant á l'unisson de la fraction de gauche du monde intellectual français, dreyfusarde á la fin du siécle dernier, puis pacifiste et attachée à la République des professeurs dans lês années 1920. Il en épouse les idéologies dominantes successsives et secrete les mesmes engangements et les mêmes parcours politiques. D'autant qu'en même temps, et sans que cela soit contradictoire, le milieu de serre intelectuelle donne peut-être à l'École normale supérieure constitue incontestablement um bom sismographe – à condition d'en ponderér les indications d'intensité – pour une analyse de certaines des ondes qui ont parcouru le monde intelecctuel français depuis l'affaire Dreyfus (p. 644).

Em “Por uma História Política”, Sirinelli chega a dizer que o lugar da história dos intelectuais é “o ângulo morto”.

> Na historiografia dos atores do político, os intelectuais ocupam indiscutivelmente em lugar à parte. Se observarmos mais de perto, de fato, amplos setores da história política foram revivificados por pesquisas realizadas nas últimas três décadas, e para as quais o problema de essência que uma questão de existência aos olhos da comunidade científica que, por razões complexas, durante muito tempo lhes negou um status pleno na chamada história nova. Um olhar retrospectivo sem preconceitos sobre essas pesquisas mostra que a estrada percorrida já é longa e que o caminho, no final das contas, foi frutífero. Em compensação, no que se refere à história dos intelectuais, um olhar pelo retrovisor não traz grande proveito (SIRINELLI, in RÉMOND, 2003, P. 233)

Problematizar um projeto educacional chefiado por um intelectual - Arthur Ramos – envolvendo, na discussão, seu itinerário, sua geração, cria dificuldades para o pesquisador. Integrar as vias escolhidas e estar em estado de alerta, pois

> todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de apreender, mas que o [pesquisador] não pode ignorar ou subestimar (SIRINELLI, in RÉMOND, 2003, p. 248)

A Escola Nova e, especificamente, o projeto de Anísio Teixeira para educação pode ser perspectivado como um projeto, ao mesmo tempo, individual e coletivo; sendo esse “olhar” estendido ao Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental.

Os pesquisadores se diferenciam pelo “olhar” lançado ao seu tema. Aproximar-se, estranhar, compreender um conjunto não uniforme de experiências, acredito ser o lugar ocupado pelo pesquisador-detetive, buscando detalhes e facetas de um objeto tornado objetivo de sua ação de pesquisa.

> Dar um lugar a apenas uma dessas dimensões nesse trabalho significaria sacrificar, em nome da coerência, a riqueza e o interesse [...], partindo da convicção de que, mesmo irredutíveis, o plano geral e os close-up constituem duas perspectivas complementares (ESPADA LIMA, 2006, p.146)

As rendeiras de bilro trabalhando na tessitura do bordado trocam rapidamente de bilros para, no final, utilizá-los todos e apresentar o produzido pelo movimento de bordado: as rendas de bilro. Elas me inspiram.

Caríssimo Marcos

Tê-lo conhecido com a viagem já iniciada foi uma surpresa. Notei como algumas paisagens e algumas personagens despertavam a curiosidade e o interesse de ambos. Estarmos juntos, apreciando o que víamos, ocorreu inúmeras vezes e, para mim, foram momentos muito agradáveis. Sentia-me acompanhada, maravilhada mesma. Como todos os viajantes que se conhecem durante o trajeto, tivemos muitos momentos nos quais tomamos direções diferentes, mas, sem saber muito bem o motivo, tinha a "intuição" de torná-lo a vê-lo na dobra da estrada, quando poderíamos conversar sobre o que havíamos visto nas direções tomadas.

Veja só, minha viagem está chegando ao final e resolvi enviar-lhe a carta nessa parte, porque estando, mais uma vez, em estradas diferentes, nessa minha parte da estrada sua lembrança se fez mais forte. Fiquei curiosa, tentando "adivinhar" se haveria ou não concordância sua com minha compreensão das paisagens e personagens os quais me chamaram atenção.

Quando desembarcar do ônibus, encontrando-o, poderemos falar sobre nossas curiosidades e interesses comuns, outra vez, e vou contar o visto e ouvido quando não estivemos juntos.

Adir

****

CAPITULO I - A FORMAÇÃO INTELECTUAL

"A memória e o esquecimento são ambos inventivos"
Jorge Luis Borges

1.1– De Pilar à capital da República

Arthur Ramos Pereira de Araújo nasceu em Pilar (atual Manguaba) em 1903, nas Alagoas. Morreu em Paris como 1º Diretor do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, com a idade de 46 anos. Fez os estudos primários na cidade natal e o curso secundário em Maceió.

> [...] Viveu a primeira infância num cenário de prosperidade típica dos pontos de circulação de mercadorias valorizadas na estrutura econômica. O Pilar era um grande porto lacustre, por onde se escoava o açúcar de todos os engenhos das vizinhanças, além da produção das fazendas e o carvão, em demanda de Maceió (BARROS, 2005, p. 20)

Ramos foi um homem/intelectual pertencente à geração que viveu os momentos históricos do entre-guerras. Como menino/adolescente, ainda em Pilar, a 1ª Grande Guerra Mundial; como adulto envolvido no mundo político-intelectual da Cidade do Rio de Janeiro, a 2ª Grande Guerra.

Como as notícias da 1ª Guerra chegaram ao menino/adolescente, ainda no sertão nordestino, não somos sabedores. Porém, o fato do jovem Arthur Ramos pertencer ao estrato social abastado da cidade de Pilar e possuir uma formação considerada por seus contemporâneos perto da "erudição" torna difícil considerar que estivesse distante dos acontecimentos abalando o mundo.

Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros descreve no livro "Arthur Ramos e as Dinâmicas Sociais do seu Tempo" (2005) a intensidade vivida pelo estudante Arthur, em Pilar, em Maceió, em Salvador, na poderosa Faculdade de Medicina da Bahia, para alargar seu conhecimento do mundo, saber das novidades teóricas vindas do outro lado do Atlântico, através da leitura exaustiva de livros, revistas e jornais.

O domínio de outras línguas, particularmente o alemão, com certeza facilitava ao jovem voraz o acesso ao conhecimento que, talvez, nem todos os seus contemporâneos tivessem.

Sua amiga em Maceió e depois contemporânea na Faculdade de Medicina da Bahia, Nise Magalhães da Silveira[2], que defendeu, no mesmo ano de Ramos, a Dissertação sobre "Ensaio sobre a criminalidade da mulher no Brasil", na cadeira de Medicina Legal, em depoimento, falava do jovem acompanhante de sua mãe ao piano em Maceió, tanto em músicas clássicas como populares. *Desta fase é sua tentativa de cronista, gênero no qual produziu dezenas de títulos, arrolados em seu currículo, mas que não o transformou em literato (BARROS, 2005, p.22)*

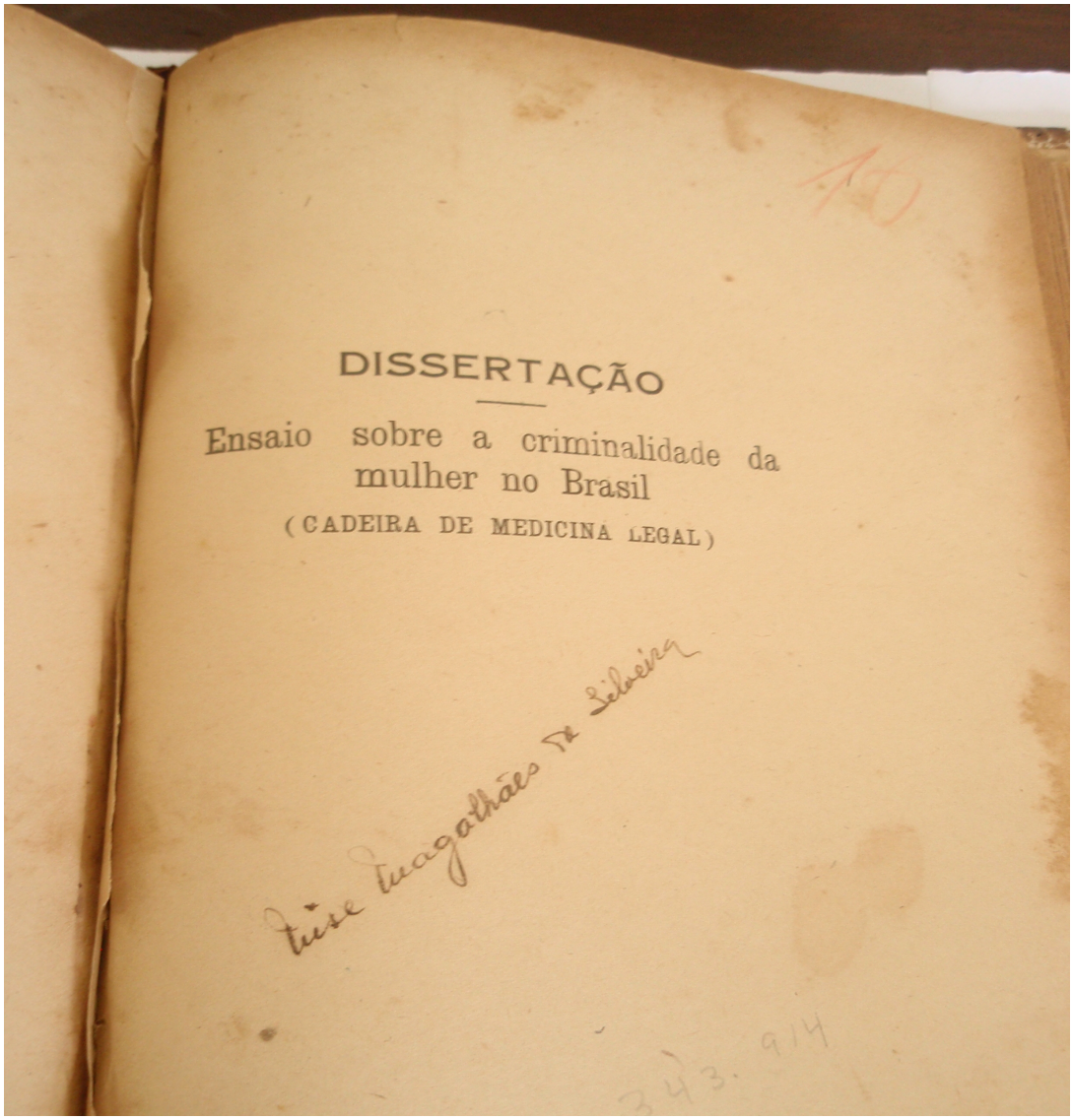


Fig. 22- Acervo da Faculdade de Medicina da Bahia – Arquivo de fotos pessoais.

A chegada de Ramos à Salvador para fazer parte do corpo discente da Faculdade de Medicina da Bahia ocorreu, como filho de família da elite nordestina, com conforto e elegância.

HISTÓRIA DA MEDICINA **artigo 21**

O dia em que o vapor nacional "Itaquera" amarrou à terra da cidade da Bahia trazendo a bordo o moço Arthur Ramos (*) para estudar Medicina

Antonio Carlos Nogueira Britto
Vice-presidente do Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins, fundado em 29 de novembro de 1946

"Termo de Abertura

Este livro que contem duzentas folhas numeradas e por mim rubricadas servirá para o registro de passageiros entrados no porto da Capital.

Bahia, 3 de Abril de 1920.
O Inspector
Cesar Gambetta Moreira Spinola"

"Segunda-feira, 20 de dezembro de 1920.
Vapor nacional Itaquera – Procedencia: Macau e escalas

Passageiros	**Nacionalidade**	**Procedencia**
Mario Villa Gomes	Bras	Recife
José Sotero de Moniz	Bras	Recife
Almiro Paiva	Bras	Recife
Edggard Lopes de Castro	Bras	Recife
Candida Rosa França	Bras	Recife
Maria Rabello de Souza	Bras	Recife
Italo Magaroni	Ital	Recife
Isabel Samferro	Franc	Recife
Eric Burgh Newcomb	Ing	Recife
Gladys Newcomb	Ing	Recife
Eilian Newcomb	Ing	Recife
Osorio de Carvalho Silva	Bras	Recife
Raul Batalha Ribeiro	Bras	Recife
Satyro Marques	Bras	Maceió
Margarida Cardoso	Bras	Maceió
Maria José de Cardoso	Bras	Maceió
Victor Ciaache	Ital	Maceió
Cecilia Ciaache	Ital	Maceió
ARTHUR RAMOS	Bras	MACEIÓ
Maria Reis	Bras	Recife
Firmino Jovelino Siqueira	Bras	Recife
Ursulino Antonio da Silva	Bras	Recife
Luiz Durdos	Bras	Recife
Manoel de Siqueira	Bras	Recife
Joanna de Souza	Bras	Maceió
Carolina de Souza	Bras	Maceió

Guiomar de Souza	Bras	Maceió”

NOTA

O vapor “Itaquera” era de propriedade da “Companhia Nacional de Navegação Costeira”. Após chegar do Norte, o navio saiu no mesmo dia, 20 de dezembro de 1920, para “Victoria, Rio de Janeiro, Santos, Paranaguá, São Francisco, Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre”.
Dispunha a embarcação de “excellentes accommodações” para passageiros de 1ª e 3ª classes e recebia cargas, valores e “encommendas”. Não vendia aquela “Companhia” passagens sem “accommodações” e era representada nesta capital por Isaias de Andrade – O endereço da agência ficava na rua S. João, nº 5, 1º andar.

Cidade do Salvador, 17 de julho de 2003

Dr. Antonio Carlos Nogueira Britto.
Vice-presidente do Instituto Bahiano de História Medicina e Ciências Afins
Fundado em 29 de novembro de 1946

Publicado inicialmente na Revista Cultural da Bahia,Salvador, 21:29-55, 2003, foi republicado na Gazeta Médica da Bahia, Revista da Faculdade de Medicina da Bahia.

Dr. Lamartine de Andrade Lima[3] autor do artigo, do qual faz parte à lista acima, escrito por ocasião do centenário do nascimento de Arthur Ramos, incluiu inventário da trajetória do antropólogo, dando ênfase a sua atuação na Bahia, seus estudos e inserções políticas.

Se *“a função de um autor é caracterizar a existência, a circulação e a operatividade de certos discursos numa dada sociedade”*. (MIRANDA & CASCAIS, in FOUCAULT, 1992, p. 21) o Dr. Lamartine estabelece uma linha de continuidade entre Arthur Ramos e personagens ilustres, participantes da história da medicina na Bahia e da História da Faculdade de Medicina da Bahia dentro dessa história mais ampla[4].

Sobre os estudos levados por Ramos destaca os relacionados à cultura negra, informando o fato do jovem alagoano ter sido ogã do Centro Cruz Santa do Axé Opô Afonjá, e sócio-benemérito da União das Seitas Afro-brasileiras da Bahia.

Buscando estabelecer, o que chamo de “linha de continuidade”, apresenta-o ligado as “linhas” de estudo da “Escola da Bahia” (aspas do autor), de Nina Rodrigues ; como fundador (em 1931) da Sociedade de Medicina Legal, de Criminologia, de Psiquiatria da Bahia, sobre a reinstalada, em 1928, Sociedade de Medicina Legal e

Criminologia da Bahia, estabelecida em 1914 pelo Prof. Oscar Freire[5] e desativada por dez anos.

Na mesma lógica de representar um determinado grupo de nordestinos atuando em Salvador, Dr. Lamartine relaciona à sociedade criada por Oscar Freire à Sociedade de Medicina Legal da Bahia, instituída, pelo Prof. Nina Rodrigues, em 1895.

Estabelecendo tais "relações" de filiações, Dr. Lamartine de Andrade Lima não faz qualquer comentário ao Dr. Afrânio Peixoto[6], discípulo de Nina Rodrigues e um dos grandes responsáveis pela vinda de Arthur Ramos para o Rio de Janeiro.

Na entrevista concedida, a Profa. Cristina Fortuna, pesquisadora da História da Medicina e, atualmente, responsável pelo acervo da Faculdade, verbaliza a importância da Faculdade de Medicina da Bahia, os vários momentos de esvaziamento e retaliações sofridos pela instituição, incluindo o incêndio de 1905. Narra a evasão de cérebros para o Sudeste, citando Oscar Freire, Afrânio Peixoto, Nise da Silveira, Arthur Ramos, entre outros.

Sua justificativa para tal "fuga de cérebros" é que tanto o Nordeste, como a Faculdade de Medicina da Bahia deixavam gradativamente de ser referência na formação, perdendo a faculdade importância frente às instituições do Sudeste com o oferecimento, também, de melhores condições de trabalho aos intelectuais.

A Faculdade de Medicina da Bahia, não foi somente um "celeiro" de cérebros que teriam papel importante nos círculos intelectuais da região sudeste – destacando Rio de Janeiro e São Paulo – nas primeiras décadas do século XX. Atribuí-se aquela instituição o lugar de fundadora da Medicina Legal no Brasil, exercendo a função de "congregar" o pensar e fazer científicos.

> O papel e a relevância da prática médica no contexto do século XIX foram recuperados por Mariza Corrêa, em As Ilusões da Liberdade (1983), a partir da análise da trajetória de um grupo circunscrito de médicos, que se autodesignaram membros da "Escola Nina Rodrigues". Tendo como objeto central esse núcleo de profissionais inicialmente congregado na Faculdade de Medicina da Bahia, ao qual até hoje é atribuída a fundação da medicina legal no Brasil, a autora traça um amplo painel que abarca não só a medicina da época, como a correlação entre tal prática e a antropologia, a atuação desses homens perante o Estado, sua participação nas disputas regionais específicas naquele momento (SCHWARCZ, 2008, p. 189).

Este lugar busca hoje recuperar sua importância, não se contentando somente com a recuperação de seu prédio histórico, mas trabalhando na recuperação de outras formas simbólicas. Em 2009 retoma seu nome original: Faculdade de Medicina da Bahia.

Institucionalmente chama-se Universidade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia. Exercem suas atividades no seu prédio original, situado no Terreiro de Jesus, a Direção, os membros dos Colegiados. As atividades cotidianas de aulas e outras afins ocorrem no campus da UFBA, em Canela.

Encontra-se no prédio a Biblioteca, seu acervo histórico, o Centro de Pesquisa sobre Medicina e Ciências afins.

Fig. 23 - Faculdade de Medicina da Bahia - Acervo pessoal de fotos

Seu mais famoso periódico, Gazeta Médica da Bahia, lançado em 1831, é considerado como primeira publicação médica no Brasil, simbolizando a produção acadêmica e modo de circulação de seu pensamento. Recebe de seu Editor José Tavares-Neto[7], Diretor atual da Faculdade de Medicina, atenção especial, circulando tanto em forma impressa como podendo seus números ser acessados eletronicamente. Mantendo sua tradicional capa, usa tecnologia para recuperação da memória histórica da instituição.

Fig. 24 - Faculdade de Medicina da Bahia – Arquivo pessoal de fotos

A perspectiva de observação com a qual trabalhamos repensa a relevância desse centro de formação e produção na trajetória de Arthur Ramos, a época de seu pertencimento institucional, os postos que ocupou em Salvador produziram socialmente o lugar de intelectual ligado à "Escola Nina Rodrigues" de antropologia.

Mas, não é o pertencimento em si que nos interessa e sim suas "inflexões" e "deslocamentos" teóricos, servindo de base não só para as argumentações as quais compõem seus principais livros, como as Bases de Organização, por ele estabelecidas, do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental, no Rio de Janeiro.

Há disputas entre as regiões do país e entre as principais instituições detentoras de poderes para pensar "a ciência" e "o país". Nesse quadro situamos discussões sobre "determinismo racial", "eugenia", "higiene"; e a necessidade de não tomar cada palavra como sinônimo de práticas unificadas. As palavras enunciam sentidos e o risco de tomá-las isoladamente é cair na armadilha das disputas pessoais e não no aprofundamento dos

sentidos emanados no contexto de seu uso. Imputa-se, ao Outro, posições que necessariamente não encontram correspondência com a realidade.

> A faculdade baiana [...] de 1870 a 1930 privilegiou abordagens diferentes. Assim, se a discussão sobre a higiene pública (que implicava uma grande atuação médica no dia-a-dia das populações contaminadas por moléstias infecto-contagiosas) mobiliza boa parte das atenções até os anos de 1880, nos anos de 1890 será a vez da medicina legal, coma nova figura do perito – que ao lado da polícia explica a criminalidade e determina a loucura -, para nos anos de 1930 cede lugar ao "**eugenista**", que passa a separar a população enferma da sã (SCHWARCZ, 2008, p.190, grifo nosso).

Foucault, no Nascimento da Clínica (1977) chamará atenção para as intervenções médicas como produtoras de mitos, agindo no conjunto da sociedade a partir de sua ascensão ao lugar de poder que o saber médico conferia sobre os corpos humanos. A profissão médica, ao maximizar o exercício do poder, organiza-se como o clero e seus poderes sobre as almas. É o mito de uma sociedade sem doenças e paixões (p. 35).

A diferença entre a atuação dos médicos da Bahia e do Rio de Janeiro era, também, uma questão de foco. Os primeiros queriam cuidar dos doentes e os segundos queriam erradicar as doenças; pano de fundo para as pesquisas sobre a febre amarela, o mal de Chagas que traria ataques e prestígio para Oswaldo Cruz e o Instituto de Manguinhos[8].

O tema da raça, caro a Arthur Ramos, base principal de seus trabalhos antropológicos, torna-se central nas calorosas disputas e com diferenças de "olhar" está nos debates teóricos de ambos os centros de medicina.

"Racialidade" e "miscigenação", considerados aspectos importantes para pensar o Brasil, apontavam tanto para uma percepção positiva dos mesmos como para percepções negativas, na radicalidade tornava-os a razão da "degeneração" e "causa" de loucura e criminalidade.

Os confrontos eram de tal forma acalorados que se torna um ato de extrema firmeza a atuação de Edgard Roquette Pinto – teve aproximações e afastamentos pessoais com Arthur Ramos quando contemporâneo na Diretoria de Instrução Pública do Rio de Janeiro – na presidência do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, em 1929.

Antropólogo, Roquette Pinto havia discutido em seu livro 'Seixos Rolados' (1927) as "leis da eugenia" e sua importância antropológica.

No Congresso em questão posiciona-se contrário à maioria dos congressistas que defendiam a concepção racista e a "degeneração" devido a mestiçagem. Influenciado por Franz Boas e sua antropologia cultural, defende frente a platéia participante que "o *problema brasileiro seria uma questão de higiene e não de raça*" (SCWARCZ, 2008, p.96, citando o Boletim Nacional de Medicina).

Em 1927, ações de enfrentamento isoladas, como foi o caso de Roquette, em congressos onde temas quentes e controversos aconteciam produziam efeitos na continuidade, pós-congressos, sobre o tema.

Na Bahia, no período em tela, debates eram freqüentes e Ramos estava no meio dos mesmos. Qual a representação de si Arthur Ramos buscou produzir e foi, também, produzida pelos grupos com os quais esteve implicado?

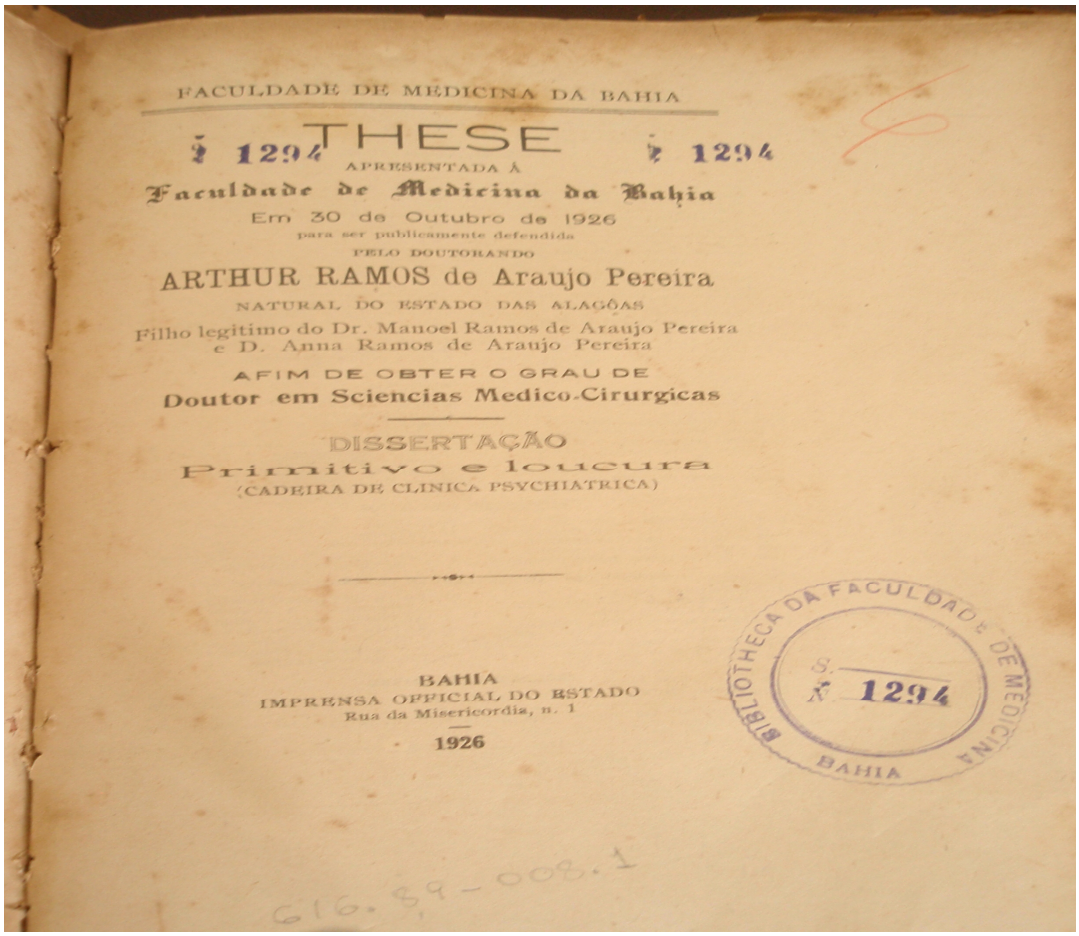
A figura do jovem "sério" e "erudito" descrita por Josué de Castro[9] aumenta o lugar de intelectual à frente de seu tempo, acima dos demais colegas na qualidade e variedade de conhecimento.

> Mas devo honestamente confessar que maior influência do que os professores, tiveram em minha formação o convívio com alguns colegas de talento. Na Bahia influíram muito no rumo dos meus estudos e indagações a presença na mesma pensão em que morava de dois colegas com os quais muito me liguei: Arthur Ramos e Teotônio Brandão. Teotônio com mais intimidade, Ramos com uma certa distância e reserva diante de sua maior maturidade intelectual, do seu prestígio de veterano com três anos de curso na frente. Com Teotônio discutíamos. Com Ramos ouvíamos. E ouvíamos coisas esmagadoras. Nomes arrevesados de venerandos sábios alemães. Teorias frescas trazidas diretamente dos centros europeus por misteriosos caminhos para o sisudo discípulo de Freud na Baixa do Sapateiro. Ficamos de queixo caído diante da imponência da sua cultura. Um dia ele nos fez a revelação que sairia um estudo seu sobre Augusto dos Anjos e a Psicanálise, num dos suplementos dominicais do O Jornal. Isto na província em 1925, meu caro, me pareceu a glória. Fomos comovidos até o Plano Inclinado comprar o tal número do O Jornal, desdobramos as páginas com unção e lá encontramos o artigo com título e nome do autor. Tudo aureolado pela letra de fôrma em tipo grosso. Não me contive. Veio-me á alma uma inveja doida de tanta glória. Fui também ao Freud – um Freud de terceira classe, já comentado em tradução – e lancei um ensaio tremendo, o meu primeiro ensaio, intitulado 'A Literatura Moderna e a Doutrina de Freud', que saiu flamejante na Revista de Pernambuco. Senti-me um igual e no ano seguinte passei a ir ao cinema junto com mestre Ramos (BARROS, 2005, p.24-25). [10]

A representação de si, desejada que os “outros” construam, confronta-se com aquela que os “outros”, de fato, têm do sujeito. Arthur Ramos não estava, como ninguém está, livre do confronto entre a própria representação de si, produzida pela escrita de si, com a que dele tem o “outro”, pela escrita que o descreve. Geralmente desse confronto resulta uma representação até certo ponto “desfocada”.

Em 1926 defende sua Tese para obter o grau de Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas e não em Medicina Legal, como suas relações intergeracionais fariam supor. A tese, “Primitivo e Loucura”, é depositada administrativamente em 30/10/1926 (A.C) – numeração feita pelo agente administrativo, sendo defendida em 27 de dezembro de 1926. Aprovada com distinção.

Fazem parte da banca o Dr. Mario Leal, Estácio Lima, Altino Leitão (?), estando o nome do último membro da banca ilegível devido ao mal estado de conservação do livro de Atas[11].


FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

THESE

APRESENTADA Á

Faculdade de Medicina da Bahia

Em 30 de Outubro de 1926

para ser publicamente defendida

PELO DOUTORANDO

ARTHUR RAMOS de Araujo Pereira

NATURAL DO ESTADO DAS ALAGÔAS

Filho legitimo do Dr. Manoel Ramos de Araujo Pereira e D. Anna Ramos de Araujo Pereira

AFIM DE OBTER O GRAU DE

Doutor em Sciencias Medico-Cirurgicas

DISSERTAÇÃO

Primitivo e loucura

(CADEIRA DE CLINICA PSYCHIATRICA)

BAHIA

IMPRENSA OFFICIAL DO ESTADO

Rua da Misericordia, n. 1

1926

BIBLIOTHECA DA FACULDADE DE MEDICINA BAHIA N. 1294

Fig. 25 - Acervo da Faculdade de Medicina da Bahia – Arquivo pessoal de fotos.

Vivendo e participando do caldeirão de opiniões, concepções e vaidades, o jovem de 23 anos (idade de Ramos ao defender a Tese de Doutorado) escreve no Prefácio do trabalho.

> O presente trabalho é um simples excerpto de uma obra maior tomo, a que venho, desde algum tempo, consagrando o melhor dos meus esforços, e que subordinei ao título geral de "O folk-lore em psychiatria".
> Não tendo conseguido ultimá-la em coincidência com o término do meu curso médico, não lhe quis sacrificar o conteúdo para amoldá-la às exigências protocolares de uma thse inaugural. Reservo assim para um futuro próximo a sua publicação integral.
> Nem por isso, "Primitivo e Loucura', reunião de alguns dos seus capítulos, toma um aspecto fragmentário, de conclusões mal acabadas, porque tive o cuidado de lhe arranjar o texto, incluindo notas e conhecimentos, que pertencem à primeira parte de "O folk-lore em psychiatria", e indispensáveis à exacta compreensão dos assuntos que se ventilam (RAMOS, 1926, p. I).

A "característica" marcante de Arthur Ramos de enunciar seus escritos como "obra inacabada" estava presente. Não no sentido dado por Certeau as lacunas dos textos e de sua incompletude, mas sim como uma justificativa antecipada.

A leitura de sua tese (nunca publicada, além da imprensa oficial) nos coloca, já nos primeiros parágrafos da Parte I, frente a posição instigante. Compreender o melhor possível Ramos é diminuir a escala de observação para apreendê-lo em suas contradições.

> Aquelles especialistas que, como os etnólogos, estudaram os selvagens em seus hábitos mentaes e modos de vida, ou, como os demopsychologos, seguiram a evolução e persistência desses hábitos primitivos nas sociedades mais adinatadas em civilisação, recolhendo o amplo material do folk-lore, estavam longe de imaginar que ao seu campo de pesquisas lançasse a psychiatria as suas vistas ambiciosas, na ânsia sempre crescente de surpreender os segredos da psyche humana desviada da normalidade.
> Já em psychologia, Ardigò acenará a importância exegética desses documentos ethnologicos como methodo de investigação extrospectiva; Luquet e Levy-bruhl, da mesma sorte, exprobrando, com Ribot, o erro clássico de se tomar como modelo psychologico humano o individuo branco, adulto e civilisado", procuraram rehabilitar o méthodo comparativo, que Augusto Comte enunciára numa forma célebre, mas infelizmente pouco lembrada, para a mais exata definição do retrato psychologico do "homem", explicado pela "humanidade", e não esta por aquelle, como houvera feito, até então, o nosso anthropomorphismo de civilisados (RAMOS, 1926, p.4). (mantida a grafia original)

Após a titulação foi nomeado médico-assistente do Hospital São João de Deus, mais tarde seria o Sanatório Juliano Moreira. Perito do Serviço Médico-Legal; redator-chefe da revista Arquivos do Instituto Nina Rodrigues. Suas relações pessoais e profissionais, os lugares profissionais ocupados na Bahia o marcaram como pertencente à chamada "Escola Nina Rodrigues".

Mariza Corrêa, autora de um dos melhores estudos sobre a atuação de Nina Rodrigues na constituição do campo antropológico no Brasil, diz que Arthur Ramos se auto-intitulou discípulo de Nina Rodrigues. Todavia, minha compreensão, quanto ao tratamento dado a obra de Nina Rodrigues, é que o antropólogo dava a importância que a julgava merecedora, considerando Nina Rodrigues precursor dos estudos antropológicos no Brasil.

Foi a Afrânio Peixoto a quem durante toda a vida se dirige como "mestre". Ramos, em conjunto com Afrânio Peixoto – este sim discípulo de Nina Rodrigues –, empreende a tarefa de fazer retornar ao debate científico as contribuições de Nina Rodrigues, devido a particularidades importantes do autor nos estudos sobre os negros e suas tradições religiosas.

Ainda na Bahia, Ramos e alguns amigos mais próximos no curso de Medicina nutrem admiração pelo jovem Diretor do Departamento de Educação do Estado da Bahia: Anísio Teixeira (1925-1929), durante o Governo de Góes Monteiro.

A experiência baiana foi marcante na vida de Anísio, pois no contato com as condições de precariedade da educação pública do Estado surge o filósofo-educador, marcando um período com suas idéias reformadoras; seus projetos de uma educação de qualidade para todos, fonte de superação das profundas desigualdades sociais que passou a conhecer mais de perto.

Arthur Ramos chega à Cidade do Rio de Janeiro em um período de ebulição de idéias, encontro de intelectuais, projetos político-sociais, embalados pelas possibilidades, vislumbradas pela Revolução de 30, de finalmente alavancar o Brasil para um destino de modernidade e democracia. Afrânio Peixoto funciona como personagem importante na rede de sociabilidade na qual Arthur Ramos se insere: o mundo intelectual da capital do país, nos anos de 1930.

Quando assumiu a cadeira de Antropologia na Faculdade Nacional de Filosofia, em seu discurso, Arthur Ramos reafirma a importância de Afrânio Peixoto em sua trajetória.

> O "adivinhar" de Afrânio Peixoto se dera em 15/10/1926 quando, voltando à Faculdade de Medicina da Bahia, após 20 anos de ausência, recebe as maiores homenagens: Fazia parte das conversas intelectuais da Bahia à afirmação de que o grande mestre considerava o mais importante e interessante discurso, o do representante dos estudantes. Era Arthur Ramos, ainda doutorando, aos vinte e três anos, tornando-se visível num encontro de intelectuais baianos (BARROS, 2005, p.62)[12].

No Rio de Janeiro a representação do jovem "erudito" mudaria, para desgosto de Arthur. Afinal, outros personagens faziam parte da cena política da Capital da República, intelectuais consolidados dentro da relação de forças que na cidade explodiam e com alguns, sem dúvida, Ramos travou vários embates.

1.2- Caminhos teóricos de Arthur Ramos

O Arquivo Nacional em articulação com a Biblioteca Nacional organizou exposição sobre o médico–antropólogo Arthur Ramos com o título – Do meu Arquivo inútil... -. O título veio do próprio homenageado que assim nomeia sua documentação pessoal.

Podemos entender a motivação dessa frase como um mero momento de desânimo existencial do intelectual? Na primeira leitura podemos dizer que sim, mas o que nos interessa analisar é a produção de uma representação intelectual feita por Ramos sobre Ramos.

Personagem complexa, com muitas faces da atividade intelectual, suas teorizações ganham destaque e singularidade, no início do século XX. Articular os saberes da antropologia com de uma psicologia social nascente e para qual deu grande contribuição. [...] *saberes, então ainda [...] incipientes no meio nacional, aparecem [...] influenciados por um ambiente intelectual marcado pelos debates a propósito da*

"civilização" [...] e desafios representados pela "raça" e "educação" (DUARTE, 1999, p.11)

Compartilho com o leitor os caminhos teóricos escolhidos por essa personagem entrelaçando-os com sua trajetória e a intervenção educacional na sua passagem como chefe do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental na educação pública do Rio de Janeiro. Acredito, porém, que valha a pena esclarecer ao leitor que a intencionalidade não é fazer uma exegese desses caminhos teóricos, assim como não significa abandonar o lugar central ocupado nesta tese pelo Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental.

No mesmo movimento de ressaltar o poder instigador exercido por Ramos nesse trabalho de pesquisa, também torno claro minha concepção das reais impossibilidades de ter a pretensão de conhecê-lo. Como disse a poeta Clarice Lispector "sou uma estranha até para mim mesma". Que diremos de alguém ao qual, através de pesquisa historiográfica, busca conhecer um "Outro"? Vislumbrá-lo talvez seja a melhor definição para essa tarefa.

Baêta Neves (1979, p. 117) inquiri o pesquisador a refletir sobre as relações imbricadas da teoria com o método escolhido e a necessidade de nos livrarmos de determinantes que situem a nossa formulação crítica no território da condição privilegiada, centrada, opressora, classista e elitista.

Sendo a articulação/interlocução necessária com outras áreas do conhecimento um movimento que a Antropologia busca fazer desde o fim do século XIX e início do século XX, situo Arthur Ramos dentro do mesmo. Necessária interlocução, apresentada, também, pela história da História Social e Cultural como um ponto de ruptura importante com as escolas historiográficas marcantes no início do século XX, buscando respeito e consolidação na demarcação das diferenças de pensar o fazer histórico.

A Micro-História italiana, também, busca suas interlocuções com campos de conhecimento considerados fundamentais para o estudo e compreensão de temáticas historiográficas.

Ao movimento dos antropólogos Mariza Corrêa[13] fará referência definindo-o como criação e recriação de tradições das gerações de antropólogos, apontando o *início mítico do que hoje chamamos de Antropologia*, trazendo as influências de antropólogos de outros países para o nascimento da tradição antropológica no Brasil, com seus heróis fundadores.

Dentre eles a autora destaca Raimundo Nina Rodrigues e os estudos sobre negros, sinalizando:

> desse cruzamento entre nativos que se interessavam pelo estudo de "estrangeiros" (os "colonos negros" como os chamava o médico maranhense) e estrangeiros que se interessavam pelos nativos, nasce a tradição antropológica no Brasil (CORRÊA, p.1).

As pesquisas[14] em torno da figura intelectual e pública de Arthur Ramos, nos últimos anos, vêm cumprindo o papel de retirá-lo das sombras do esquecimento onde foi colocado, não só pela não reedição de sua obra há décadas, como pelo silêncio que sobre ele e suas ações caiu.

Ainda que a marca lévy-bruhliana tenha sido superada, mas não esquecida, nas suas escolhas teóricas, *"permaneceu comprometido com o grande horizonte das inquietações sobre o estatuto da "civilização", tão característico do pensamento ocidental desde o início do século XVIII* (DUARTE, 1999, p.12).

A antropologia representada por Arthur Ramos mobilizou-se contra a convicção da inferioridade da raça, contra as tipologias de base morfológicas construídas pela medicina antropológica de então, para fundar, ele mesmo, uma antropologia física-cultural que coloca no centro de sua problemática as questões referentes ao caldeamento de índios com negros, brancos e negros, negros e índios, e por aí vai.

Nesta perspectiva, a ação de Arthur Ramos se debruça, de certo modo, tanto sobre a profecia euclidiana do "progredir ou desaparecer", como nas reflexões de Gilberto Freyre sobre as relações híbridas[15] estabelecidas entre a Casa Grande e a Senzala, procurando construir um mapa social-educacional da "gênese" das questões brasileiras relacionadas à precariedade das condições de vida dos brasileiros e às imensas dificuldades de acesso à escola e a escolarização.

Esta cartografia antropológica dos tipos humanos do Brasil foi sendo tecida através das pesquisas de campo desenvolvidas a partir das experiências com os estudos etnológicos e etnográficos dos índios, dos negros e dos mestiços do Brasil.

Dessa forma, entendendo a antropologia no sentido largo de ciência do homem e da cultura, Arthur Ramos, como homem de seu tempo e com as condições de sua época, promoveu viagens de exploração às brenhas da cultura material e não-material das populações indígenas e, especialmente, as negras do país.

O debate em torno da "questão racial" alimentava a construção de matrizes interpretativas acerca do "nacional", constituindo um amplo painel de inconformismos de toda ordem. O mais radical deles discorria sobre uma identidade nacional considerada "incompleta", advindos do iberismo e da tradição colonial que teria fertilizado os danos causados pela mestiçagem à formação social brasileira no aguardo de uma nova (re)fundação, e, ainda, se apresentava como forte corrente interpretativa.

Na distância entre o dito e o feito era possível reconhecer o círculo vicioso de determinismos com os quais eram montadas as dubiedades das tipologias do moderno e do arcaico. Litoral e sertão. Modernidade e tradição. Pares tratados como opostos, sendo o percurso para alcançar o que se considerava o avanço calcado na idéia de que era preciso se não eliminar, pelo menos modificar o "atraso".

Um homem envolvido nas tramas e nas representações do seu tempo é assim que vislumbro Arthur Ramos. Um homem deixando transparecer em seus escritos uma "pressa" de agir e um forte "desejo" de sentir suas contribuições reconhecidas por aqueles que lhe foram contemporâneos.

Os caminhos teóricos os quais darão sustentação as inflexões posteriores encontramos em sua tese de doutoramento "Primitivo e Loucura" (1926). O método pelo qual optou na construção de seu trabalho é

> uma tentativa de aplicação do methodo comparativo, - ethnologico e folk-lorico – aos fatos da psychiatria. Por isso não surgiram os problemas, de que trato, das retortas e reactivos dos laboratórios de clínica. Elles são de outra natureza, e necessitam de outra espécie de observação das relações inter-humanas na ambiência social e dos distúrbios da função gregária no alienado. E isso, hão de concordar comigo, não é problema que se resolve entre as quatro paredes de um laboratório. (RAMOS, 1926, p. IV/V)

O número de intelectuais e escolas de pensamento buscadas e citadas, são explicitados por Ramos (1926) como a busca de *aproximar estudos e pesquizas que, partindo de pontos de vista differentes, e independentes uns dos outros, chegaram comtudo ás mesmas conclusões* (p.IV – mantida a grafia original)

Frente às influências compreendidas como as mais marcantes, surpreende encontrar, na página 6 da parte I, referência a Nietsche, autor que virou moda acadêmica a partir dos anos 1990. Sobre a "imaginação mythica", comparando-a as alucinações trazidas pela moléstia, busca os trabalhos de E. Tylor; mas tem também como fonte

inspiradora Eugenio Tanzi[16], afirmando tratar-se do primeiro alienista a traçar analogia entre o primitivo e o alienado (ressaltando o paranóico).

Nesse cuidado de Ramos de, aparentemente, ninguém esquecer para citar menciona a Escola de Lombroso (segundo Ramos inspiradora dos trabalhos de Tanzi) e a centralidade de suas argumentações sobre a semelhança existente entre o delinqüente, o idiota, o epilético, de um lado e o homem primitivo de outro (ibid, p. 8)

Em nota (nota 20) Arthur adverte para o que não deseja como efeitos de seu trabalho de tese.

> Não quero trazer á baila – hic non est lócus – as velhas e emmaranhadas discussões sobre a questão do atavismo, tal como a concebeu Lombroso. Lembro, somente de passagem a opinião de Ferrero, sobre o delicto, considerando-o, não um facto de atavismo grosso modo, "in um modo troppo esteriore", como o julgaram Lombroso e Ferri, mas o resultado do atavismo de caracteres psychologicos, taes como a incapacidade para o trabalho e a impulsividade, que "implicam todas as possibilidades criminaes mais graves". É a theoria do "atavismo por equivalentes" do delicto (G.Ferrero, La morale primitiva e l'atavismo Del delitto, Torino, 1896, p.36) (ibid, p.9).

Tem o cuidado em destacar Freud e sua escola, que, para o jovem estudante de medicina, diante de todo esse material fragmentado, trabalha na produção da síntese ao construir *uma verdadeira psychologia humana deduzida da observação acurada do desenvolvimento mental da criança e da raça (p.9).*

Dessa maneira o nosso intelectual ao "encontrar-se" com as teorias freudianas elogia "A Interpretação de Sonhos" (1900), Acredito na importância de salientar a demonstração do interesse em "Totem e Tabu" (1920), obra na qual se detém, até porque é mais afeita ao seu tema, pois nela o intelectual alemão fará analogia entre o nevrosado e o primitivo.

E foi justamente fazendo a psychologia da fantasia na criança, no nevrosado, no artista, que os freudistas foram procurar a explicação do seu conteúdo symbolico na imaginação mythica do homem primitivo (Ramos, 1926, p.11)

Mas não podemos nos esquecer do livro "O Futuro de uma Ilusão", onde Freud ao discorrer sobre "civilização humana" - expressão utilizada para explicar as razões que fizeram a vida humana se elevar de sua condição animal e dela diferirem – registra, na

argumentação sobre o "primitivo", a ausência "na mentalidade desse tipo" as "faltas de escolhas" explicativas por "não dispor de outra maneira de pensar".

O centro da discussão levada por Freud é o inventário psíquico de uma civilização, item este que consiste, no sentido mais amplo, em suas idéias religiosas, ou, em outras palavras [...], em suas ilusões. (ed.1969, p.24).

Ramos não é um admirador acrítico das teorias formuladas pela Escola de Freud. Nas páginas doze e treze de sua tese podemos ler.

> Para explicar essas analogias, os psychanalystas infelizmente se enveredaram por um Dédalo inextricável de vistas aprioristicas, gyrando em torno de "complexos" sexuaes, numa hermenêutica fantasista de audaciosos postulados. Freud e seus discípulos applicaram assim a psychologia do primitivo as theorias psychanalystas da vida individual, quando seria mais lógico, mais scientífico proceder como fez a escola dissidente de Zurich em sentido inverso. A psychologia do symbolismo, tal como a tentou Freud, é um exemplo desse erro.

A prática de escrita escolhida por Ramos – a busca por inúmeras interlocuções – reservará no espaço do texto um lugar importante para Paul Schilder, que além de Tanzi, influência, naquele momento, as reflexões de Ramos por trazer idéias referentes a alucinação relacionada ao pensamento imaginativo primitivo. Também Alfred Storch, como Schilder, inspira-se nos trabalhos dos ethnólogos aplicado à psychologia do eschizofrenico, entre outros.

A obra de Alfred Storch é uma outra contribuição valiosa [...] applicando à psychologia do eschizofrenico, entre outros, os dados interessantes de Levy-Bruhl sobre a mentalidade primitiva (RAMOS, 1926, p.15)

Como a intenção original de Arthur era produzir um tratado sobre folk-lore cita o trabalho de Tanzi sobre "O folk-lore na pathologia mental", dando os créditos de precursor desses estudos a Andrew Lang, para provar que "*o germe do delírio, diz o eminente psychiatra, trazemo-lo todos connosco, porque o herdamos dos nossos bisavós, e porque não sae da funcionalidade normal do homem primitivo (TANZI, in RAMOS, 1926, p.19)*

Ramos conclui: *este sentimento mystico é uma tendência incoercível da alma humana, que a cultura difficilmente consegue apagar, ou requintar, pelo menos, nas formas menos grosseiras dos cultos religiosos monotheitas dos paizes civilizados (op.cit, p.22).*

Como podíamos esperar Nina Rodrigues não é esquecido. Citado na página vinte e seis da tese, associado ao estudo do misticismo existente no Brasil.

> O Brasil, em algumas fases da sua história, e entre certas das suas populações incultas, tem revelado também as suas epidemias mysticas e fornecido os seus sectários mórbidos, movimentadores de turbas facilmente suggestionáveis, mergulhadas completamente nas mais primitivas práticas de uma superstição desabusadas [...].

Na discussão de "tradições" e tipos de "delírios" volta-se, mais uma vez, para Tanzi e nele se apóia com vigor para falar do "delírio criativo", citando Cervantes e "Don Quixote de La Mancha".

Descrevendo as "possessões carnais medievais", as crenças em "sedutoras sereias" apresenta um juízo valorativo, classificando-as como "formas obcenas".

Todavia o autor não deixa de tecer críticas, mesmo no ato demonstrativo de sua admiração. Sobre Tanzi, por exemplo, considera terem sido feitas aproximações afoitas entre "loucura" – a paranóia principalmente – e primitivos – selvagens, ao operar com a pré-existência das idéias delirantes em todo "cérebro normal" que são inibidos pelos produtos da cultura (p.31).

Ramos apresenta-se ligado á teoria evolucionista do pensamento humano e nessa perspectiva podemos compreender seu interesse por Jung, seguindo a interpretação do intelectual em pesquisar as "causas" de certos comportamentos. Onze anos depois o livro "A Criança Problema" será didaticamente dividido em Causa, na sua primeira parte, e Problemas, na segunda. Na Introdução do mesmo Ramos mencionará justamente esse caminho de análise vindo de Jung.

Arthur faz o "movimento de gangorra" mencionando Afrânio Peixoto e Juliano Moreira. Primeiro considera-os demasiados severos com Tanzi, no segundo momento afirma: *não tenho por onde deixar de me filiar a crítica dos autores brasileiros sobre a theoria do atavismo applicado a paranóia, considerada como quadro nosológico. Tenho, porém, as minhas idéias pessoaes sobre a questão (op. cit.39)*

Sendo a tese "Primitivo e Loucura" um trabalho, segundo seu autor, incompleto, é instigante perceber, na obra, o início de argumentações tornadas fortes e maduras no livro "A Criança Problema".

> Temos, pois, em jogo, no colorido do conteúdo das psychoses, a acção precipta do inconsciente ancestral, depositário do legado phylogenetico, e do inconsciente interpsychico, que explica as influencias complexas do meio sobre o doente e deste sobre aquelle. Como se enganou a psychologia clássica, apegada exclusivamente ao indivíduo! (RAMOS, 1926, p. 41)

Entre os autores citados Arthur traz Bleuler para seu debate temático, recuperando a concepção de "contato vital com a realidade" ou "adaptação à realidade". Creditando a Bleuler a influência direta à escola francesa, situa a "síndrome de interiorização" denominada, para certos casos, de eschizomania, que significa discordância extrema com o exterior e interiorização no indivíduo dessa discordância.

Aproximando Jung, Bleuler, para discutir "a fuga da realidade", Ramos busca Bergson e a perda do "valor pragmático", *"que regula todas as nossas acções na vida social, dirigindo-as para o maior rendimento possível" (op. cit.p.51).*

Compreendo essas interlocuções com as "sementes" do que será exaustivamente trabalhado em "A Criança Problema".

> Nos brinquedos e jogos infantis, a criança vive uma realidade quase allucinatoria: as peripécias dos seus jogos adquirem para ella uma importância extraordinária, porque, para a sua imaginação criadora, são dotados de vida sentimentos as suas bonecas e os seus cavallinhos de páu. J. Piaget, nos seus bellisimos estudos sobre a lógica na criança, chamou a attenção para uma forma intermediária entre o pensamento autista ou não dirigido, e o pensamento intelligente ou dirigido, a qual propõe chamar "pensamento egocêntrico (op.cit.p.54).

Tornou-se uma impossibilidade, para mim, deixar de fazer analogia com Carlo Ginzburg e sua análise do caso tratado por Freud "O homem dos Lobos", ao ler no texto de Arthur: *É nesse extenso domínio do reinado psychico que se originariam todas as criações mythicas da humanidade, todos os contos e produções anonymas do folk-lore, que as crianças ouvem embevecidas da boca das suas amas (op.cit.p.55).*

No livro (1990) "Mitos, Emblemas, Sinais (Morfologia e História) Ginzburg, utilizando o conceito de cultura, analisa, a partir dos contos mágicos contados pela "ama" ao homem, quando menino, os motivos da "neurose" diagnosticada por Freud. O artigo chama-se "Freud, o homem dos lobos e os lobisomens".

Mesmo admirando a obra do intelectual alemão, a crítica ao mesmo é claramente explicitada no texto de tese de Ramos.

> Diga-se de passagem que Freud, fazendo o parallelo entre o nevrosado e o primitivo, descobriu neste symptomas idênticos aos da nevrose obcessional, processos mágicos, attitudes ambivalentes, descrevendo também no nevrosado phenomenos totêmicos e de prohibições tabú idênticos aos do primitivo. Infelizmente Freud, ao inverso da escola de Zurich, transportou ao primitivo os dados apriorísticos da sua *Sexualtheorie psychanalytica*, que elle construiu no indivíduo (RAMOS, 1926, p.61).

Compartilho espanto e surpresa com o meu leitor, não podendo deixar de citar a longa argumentação de Arthur Ramos – em 1926 – apoiando-se em Saussure.

> R. de Saussure, que escreveu um bello estudo sobre os raciocínios por assonâncias verbaes, procurando determinar as leis e razões psychologicas de sua formação. É assim que elle descobre aqui essa forma de lógica extra-racional, a que já me referi, preferida do primitivo, que confunde o laço de semelhança com o de causalidade. Para o seu doente, por exemplo, a palavra Jesus-Christo tem uma semelhança phonica com a frase *j'ai une crise;* donde a conclusão, na sua lógica symbólica, que Jesus teve uma crise, e elle, doente, como discípulo de Jesus, foi accommettido necessariamente da mesma crise (RAMOS, 1926, p.71).

Quanta ousadia, que fantástica heresia!

Ramos dedica uma extensa análise das questões referentes à linguagem em diferentes situações, mas, tentada, nelas não me deterei. Retoma Jung e sustenta: *o espírito humano não pode ser considerado como um facto isolado, individual, porque de formação collectiva (op.cit.p.87)*

Do término de sua tese destaco e ao destacar faço as minhas escolhas:

- o indivíduo considerado isoladamente é um myto. A psychologia das multidões preocupa cada dia mais a medida que se vem a considerar a psychologia colletiva ambiente e ancestral. São os mortos que fallam e se exprimem pela voz das multidões contemporâneas (op.cit. p. 89).

- o cérebro do homem mais erudito não pode se libertar das influências complexas do inconsciente folk-lorico que o constringe, circundando-o num abraço de ferro (op.cit.p.89).

- de tudo isso, fica-nos a lição formidável: a psychologia individual nunca virá a ser explicada e compreendida sem o auxílio da psychologia colletiva e ethnica, que a

enleiam e a envolvem em tentáculos múltiplos, poderosos e constrictivos, que surgem da massa anonyma, e cujas raízes se vão perder longe, longe, na esteira retrospectiva da memória das gentes... (op.cit.p.90).

1.2.1 – Do jovem intelectual ao adulto intelectual

Não tenciono analisar a obra de Arthur Ramos livro a livro, entendendo ser tarefa hercúlea, fora dos limites desse trabalho. De sua obra o livro central, aqui apresentado, é "A Criança Problema". Porém, como produz trançar fios de sua trajetória intelectual com o Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental, por ele chefiado, compreender, parcialmente, as teorizações de Ramos se tornou uma necessidade.

O estudo do campo da antropologia histórica educacional no Brasil e, em particular, as experiências da geração que o antecedeu e da geração de Arthur Ramos são pontos de chegada para a construção de um projeto nacional o qual entendia a educação como motora de desenvolvimento cultural e social do país e a condição para a formação do Estado-Nação brasileira. Este ainda é um debate em aberto.

Com essa compreensão optei por problematizar as referências teóricas, do "adulto intelectual", tendo como base os livros "O Negro na Civilização Brasileira", "Introdução à Antropologia no Brasil", fazendo pontes com a "A Criança Problema".

Faço uma digressão para reafirmar que Arthur buscou construir-se como um "homem de ciências" ligado às instituições universitárias, diferente de Roquette-Pinto que podemos chamar como um "homem de ciências" ligado aos Museus. Inserções que servem de base para disputas, como dito anteriormente, muito além de serem pessoais, são disputas de poderes institucionais.

Ramos estudou as etnias indígenas e negras do Brasil procurando não somente entender organicamente a "civilização" brasileira, mas também o que caracterizava o problema nacional: a herança das raças humanas e a mestiçagem.

O estudo da mestiçagem postula não somente a intenção intelectual de forjar uma interpretação do povo e da nação, mas também estratégia de reafirmar as noções de "moderno" e "modernidade" para aquém das diferenças entre "região", "classe", "raça", "cultura", enfim, elegendo "progresso como mote para edificar as concepções de "nação" e de "cidadãos".

Encontramos contradições nesse projeto? Compreendemos que sim. Trazê-las á luz do debate e não fazer o movimento de escanteá-las torna-se salutar e oxigena a produção de conhecimento sobre o tema. Eram homens e mulheres pensando sobre o Brasil, buscavam entendê-lo no que vislumbravam como multiplicidade de culturas, de certa forma buscando o "éden na terra", "o paraíso terreal", como nos fala Sergio Buarque de Hollanda, em "Visões do Paraíso".

Com ênfase, Artur Ramos rejeitava textualmente a chamada inferioridade do negro e de sua "capacidade de civilização", citando, para isso, Boas, Fischer, Lenz, Lévy-Bruhl, entre outros teóricos. Se ainda admitia, sem livrar-se completamente das categorias evolutivas, a existência de uma "mentalidade primitiva" responsável pela manutenção dos cultos fetichistas e da superstição no Brasil, ela não estava vinculada a algum grupo étnico. Para o autor, os conceitos de "primitivo" e "arcaico" seriam "puramente psicológicos", sem relação com a inferioridade racial

De lugares diferenciados, dentro dos temas de reflexão e pesquisa aos quais se propunham, Arthur Ramos, Sigmund Freud, Marc Bloch, buscavam Lucien Lévy-Bruhl, destacando seu livro "La Mentalité Primitive" (1921).

Interessava aos três intelectuais a minuciosa reflexão de Lévy-Bruhl, as articulações estabelecidas entre o conceito de "mentalidade primitiva" às operações discursivas do pensamento, havendo, para Bruhl, ausência de reflexão "nessa forma de pensar", construindo a partir dessa afirmação o arcabouço teórico para explicar a relação com as possessões místicas; com as doenças; a morte; infortúnios e sucessos.

A observação de campo que dá sustentação ao livro "La mentalité Primitive" foram proveniente da Austrália, África equatorial, ocidental e oriental. Menção especial é feita aos Zulus e Bantus da África.

Lévy-Brhul articula a "cultura imaterial" desses grupos com "os impulsos místicos e invisíveis"; o papel atribuído aos "malefícios"; "os ritos"; "cerimônias'; "expedições de vinganças". As causas, "pour cette mentalité", são sempre místicas e imediatistas; o tempo e o espaço não são representações homogêneas.

No capítulo de "La Mentalité Primitive" dedicado "Aos Sonhos" (III), os mesmos são considerandos um valor particular, uma experiência da alma. O sonho é real, mesmo que traga contradições com os elementos da vida em estado vigil. Discute a confiança nos sonhos dos Bantus, narra a confiança nos sonhos dos índios da Nova-França, e a

necessidade de obediência “As Ilusões”; incluindo item chamado “O Sonho e o Totem individual”.

Reserva dois capítulos para os presságios, tanto os desejados como os indesejados, considerados como representação dos tempos e das causas são anunciadores dos acontecimentos.

Já “As práticas de adivinhação” podem ser espontâneas ou solicitadas, podendo ocorrer também pela clarividência. Na Austrália, Nova-Guiné, África ocidental interrogações se fazem diretamente aos mortos em diversas formas. Podem ser consultados os crânios dos mortos; as entranhas e fígado dos animais.

Nos três últimos capítulos Lévy-Brhul dedica-se a narrar sobre as “receitas místicas” que possuem a confiança dos “primitivos” nas ordens procedentes da adivinhação. Relaciona as “receitas mágicas” na Austrália com às da África equatorial e oriental, considerando-as análogas.

As interpretações místicas dos acidentes e das infelicidades, conseqüências de uma violação do tabu, necessitam de uma expiação. Quanto à interpretação das causas dos sucessos está ligada a rituais e palavras de poder que são “recitadas”.

- a magia para o sucesso do plantio e da colheita.
- a recitação de palavras em certos momentos do ano.
- o trabalho nos jardins e nos campos reservado as mulheres, como princípio da fecundidade e participação.
- o poder místico da “persona” dos chefes.
- as condições místicas do sucesso na guerra e a preparação mágica das armas.

O último aspecto do livro é deveras instigante. Tem o título de “Potência efetiva do desejo”.

Ora, Marc Bloch escreveu sobre o “toque miraculoso”, “o poder soberano de curar”, “o desejo de ser curado” em “Os Reis Taumaturgos”. Sigmund Freud aproxima “as mentalidades primitivas” com as concepções, buscas e respostas religiosas a acontecimentos do viver, sejam eles de prazer ou de dor, dando ao livro o título “O Futuro das Ilusões”. Arthur Ramos vai se dedicar a compreender a “cultura material e não-imaterial” das raças que formam o Brasil, dando destaque aos negros em suas diversas etnias.

Como esses intelectuais desprezariam os estudos de Lucien Lévy-Bhrul como ferramentas de análise em seu tempo vivido?

"Para a obra da educação e da cultura", era necessário, para Arthur, conhecer a "nossa mentalidade coletiva", impregnada de elementos "primitivos", oriundos, na maior parte, da magia e da religião negro-fetichista. Conhecê-los e reconhecê-los se tornaria fundamental na grande obra de trabalhar "cientificamente" essas manifestações. Avançando na educação e introduzindo, através desta, a lógica do "pensamento moderno" a população superaria crenças e manifestações "arcaicas" e "primitivas".

No livro Introdução À Antropologia no Brasil (1943), publicado pela Casa do Estudante do Brasil, a influência boasiana aparece mais diretamente. Neste livro Ramos explicita seu conceito de antropologia no "*seu sentido largo de ciência do Homem e da Cultura" (p.5).*

Seguindo seu protocolo de escrita de anunciar suas interlocuções teóricas, Arthur na introdução do livro a Antropologia começa trazendo as contribuições de Aristóteles.

> Na sua Ética, já Aristóteles havia pregado o termo "antropólogos", para significar "aqueles que falavam sobre o homem". A sua intenção foi, porém, desvirtuada, porque tanto podem falar sobre o homem os que se entregam a dissertações filosóficas sobre a "natureza humana", como os que "falam da vida alheia". Magnus Hunt iria empregar, muito depois, em 1501 a palavra "Antropologia", como sinônimo de "descrição do corpo e da alma, e das leis que presidem a união". Os humanistas do renascimento e os enciclopedistas também tomaram a palavra nessa acepção. O próprio Kant escreveu uma obra de psicologia, intitulada "Ensaio sobre a Antropologia" (1788) (RAMOS, 1943, p.5)

Afirmando não ser o foco, nem a intenção do livro, cita o avanço da Antropologia Física como uma Anatomia e uma Fisiologia Humana comparadas. Destaca como lócus do ensino e avanço teórico da área os Museus de História Natural e as Faculdades de Medicina. Sobre a Antropologia Cultural, ao fazer a relação desta e a Etnologia e a Etnografia registra a ligação com ás ciências geográficas e históricas.

Faço um pequeno "salto no trapézio". Se falar de Antropologia Cultural na virada do século XIX para o XX é falar de Fraz Boas, convém lembrar que Boas era geógrafo, por formação, e antropólogo por pesquisas e opção de trabalho acadêmico. A contribuição da Geografia, assim como da História e da Psicologia, à Antropologia,

alicerça o pensamento largo e motiva sua visão da necessidade de articular as áreas de conhecimento para conhecer o homem em diversas dimensões.

> Alguns poderiam argumentar que Boas está se tornando rapidamente o passado histórico da antropologia americana. Sugerir isso não significa minimizar o impacto histórico ou a contribuição do ponto de vista de Boas esteja longe de esgotar-se. [...] gostaria de sugerir que algumas orientações mais fundamentais da moderna antropologia cultural americana decorrem da crítica de Boas aos pressupostos evolucionistas: por um lado, a rejeição da ligação tradicional entre raça e cultura numa única seqüência hierárquica; por outro, a elaboração do conceito de cultura como uma estrutura relativista, pluralista, holística, integrada e historicamente condicionada para o estudo da determinação do comportamento humano (STOCKING, 2004, p. 36).

Na formação do campo antropológico brasileiro, Ramos chama atenção para as viagens de exploração dos séculos XVII e XVIII e as expedições do século XIX, creditando aos movimentos exploratórios e expedicionários ao quais, no encontro com grupamentos humanos com habitus de vida e modos de subjetivação marcadamente relacionados á natureza de forma mística e mítica, os nomeia "selvagens" e "primitivos".

> "Etnografia", termo criado por Carper, em 1807, passa a ser a disciplina ou a técnica que "descreve" os vários povos da terra, e principalmente esses "primitivos", que tanto chocaram a atenção dos europeus. A expressão "Etnologia" veio aparecer muito depois, em 1839, com a Sociedade Etnológica de Paris (RAMOS, 1943, p.6).

Continua não só na trajetória da antropologia, mas na explicitação de suas posições teóricas quanto ao próprio campo.

> Tivemos assim uma bi-partição dos objetivos da Antropologia: a) num setor que estudaria o Homem Natural, os grupos humanos nos seus quadros biológicos, em suma, a Raça, e b) num setor que estudaria a "soma total das criações humanas", o resultado dessas criações, numa palavra aquilo que hoje chamamos a Cultura. Essa divisão é, porém, arbitrária, pois na realidade não encontramos hoje na face da terra, um exemplo do que poderíamos chamar Homem Natural. **O Homem é sempre acompanhado da sua cultura, nesse sentido ele é um criador de técnicas que modificam o seu comportamento, com o domínio progressivo da Natureza.** A cultura é assim uma progressiva conquista de técnicas com as quais o homem procura

> ultrapassar a sua condição de animal natural. **Neste sentido, mesmo nos grupamentos mais rudimentares, há o funcionamento dos processos da cultura, considerada nos aspectos chamados matérias e não-materiais, e ainda aspectos de inter-comunicação, ou organização social**. (idem, p.6, grifo nosso)

Ramos, considerando a construção de campo de conhecimento onde diversos interesses entram em cena, nomeia a Expedição Rondon como um "marco de referência".

> A expedição Rondon, ou melhor, as expedições do ciclo Rondon, iniciam-se em 1906, e continuam-se nos anos seguintes. Sua finalidade era a construção de redes telegráficas, ligando o Araguaia a Cuiabá, mas o material científico colhido foi da mais alta importância, como o atestam os relatórios publicados. A contribuição etnológica no estudo e classificação de vários grupos indígenas, destacando-se os Pareci e os Nambiquara. È destas expedições que se destaca o nome desse pioneiro da Antropologia brasileira que é Roquette-Pinto, que em 1912 teve oportunidade de estudar os Pareci e os Nambiquara, publicando os resultados de seus estudos nessa obra clássica que é "Rondônia", nome por ele dado à região explorada pelo General Candido Mariano da Silva Rondon (idem, p. 10).

Na referência ao seu tema prioritário dentro do campo antropológico – o negro - e como em muitos trabalhos, nos nossos dias atuais, Ramos fica "preso" a "linhagem de Nina Rodrigues" e esta, de maneira simplista, é adjetivada de racista, como se só este aspecto fizesse parte de seus estudos, não deixa de ser instigante o contra-dito que a narrativa de Ramos nos oferece.

Situa Nina Rodrigues como importante referência de estudos que buscaram dar à Antropologia caráter de ciência, construindo uma periodização de três fases:

1ª) pré-Nina que abrange todas as contribuições esparsas do período colonial e seus cronistas, as histórias de viajantes. Junta a este período as contribuições de Antonio Joaquim de Macedo Soares, Sílvio Romero, João Ribeiro.

2ª) fase Nina é toda a formação da "escola". Destaca o método de Nina como revolucionando os estudos posteriores sobre o Negro. Método do estudo comparativo das culturas africanas e das suas "sobrevivências" no Brasil. Cita também as pesquisas

de antropologia física do Negro, os trabalhos de osteometria no Instituto que levaria seu nome, as pesquisas sobre a mestiçagem.
3ª) fase pós Nina Rodrigues que se estende por todo período após a morte de Nina Rodrigues (em 1906).

Na chamada 3ª fase, nas palavras de Arthur Ramos, percebo não só seu lugar de "discípulo", como sua forte relação com Afrânio Peixoto como personagem importante na sua vinda para o Distrito Federal – Cidade do Rio de Janeiro.

> A 3ª fase, a fase post - Nina Rodrigues, estende-se por todo o período que se segue à sua morte, em 1906. No início foi o silêncio, uma longa conspiração que tentou sepultar a sua obra. Apenas uma débil voz, a de Manoel Querino, trouxe uma contribuição digna de apreço, contribuição que me competiu também a honra de divulgar. Depois... e só muito recentemente, rompeu-se o véu da magia. A história é de nossos dias, para ser contada em todos os detalhes. As suas etapas principais aí estão: o reinício das pesquisas sobre os africanismos sobreviventes na Bahia, e a publicação de nossos primeiros trabalhos (de 1926 em diante): a reedição de "Os Africanos no Brasil" e de outras obras suas por nossa iniciativa e de Afrânio Peixoto...
> (RAMOS, 1951:pág.11).

Em "O Negro na África e no Novo Mundo", capítulo XI de "Introdução à Antropologia Brasileira", o autor faz aflorar a antiqüidade da cultura negra; diferenciar as etnias que comporiam o vasto território africano cheio de especificidades; a impossibilidade de pensar a África de maneira homogênea e os negros como um só grupamento. Aspectos que fazem Arthur Ramos (1943) afirmar:

> Não há, tão pouco, unidade cultural, no continente africano, o que uma simples visão ao seu quadro lingüístico e antropológico-físico deixa adivinhar. Nada de mais falso do que o retrato que a antropologia dos séculos passados nos traçou sobre as populações africanas, conseqüência dos preconceitos evolucionistas da cultura. Do ponto de vista econômico, o africano foi descrito como ocupando as etapas mais primitivas as coleta, passando pela caça e pastoreio, poucos atingindo à fase da agricultura. Não haveria organização social: a promiscuidade seria a regra, vivendo os negros em hordas e apenas apresentando rudimentos de clans. Na religião, lavraria o mais "grosseiro" fetichismo, expressão que o Conde de Brosses tomou aos portugueses, numa obra célebre (Du culte des dieux fetiches, Paris, 1760). Do ponto de vista psicológico, os africanos constituíram os mais típicos representantes dos Naturvölker, os homens naturais dos antigos etnólogos.

> O conhecimento mais perfeito das sociedades africanas, realizado com critérios metodológicos mais seguros, corrigiu aquele grosseiro erro de visão (p. 234).

Quanto à entrada do negro no Novo Mundo, ao esclarecer os objetivos do trabalho ao qual vinha se dedicando, sinaliza um dos efeitos da escravidão.

> Mas o Negro no Novo Mundo teve amputada a sua personalidade cultural, pois chegou até cá, não como um representante livre do seu grupo de cultura, mas como Negro escravo. O estudo da escravidão, como processo mutilador, é, portanto, indispensável mesmo nos capítulos do Negro no Novo Mundo (ibid, p.240).

Continua.

> Foi o estudo dos africanismos no Novo Mundo – na cultura material e não material – que autorizou o reconhecimento dos padrões de culturas, e daí fontes étnicas dos Negros introduzidos no hemisfério ocidental. A reconstituição dos africanismos apresenta-se assim como a primeira tarefa do antropólogo, a qual deverá ser completada necessariamente com o estudo das transformações culturais sucessivas, devidas ao trabalho da aculturação (ibid. p.245)

Na perspectiva de trabalhar com o método comparativo para identificar as origens étnicas no Negro do Brasil, procura identificar e reconstituir sua personalidade cultural.

> [...] não abordarei neste volume o problema da mudança cultural e da aculturação, que será estudado no segundo volume desta obra, visto que meu intento agora, é identificar, pelo método comparativo, as origens tribais do Negro do Brasil, e assim reconstituir a sua personalidade cultural, perdida em séculos de escravidão e modificada pelas mudanças de sociedade e cultura (ibid. 258) .

Arthur faz um inventário didático partindo da cultura material e não material dos grupos negros no Brasil.

a) a cultura yoruba.

b) o grupo Nagô: A cultura Yoruba no Brasil.

c) a cultura daoemeiana e o grupo gêge no Brasil.

d) a cultura fanti-ashanti: os negros mina.

e) negros maometanos: o grupo male.

f) as culturas bantu e as culturas bantu no Brasil.

Centrando nas diferenças e tecendo comparações entre os grupos étnicos relaciona os aspectos relativos a cultura material.

a) estatura, cor de pele.

b) economia.

c) Habitações

d) Vestes e ornamentos

e) Armas e instrumentos de trabalho

f) Culinária

Referente à cultura não-material relaciona.

a) mitologia e orixás

b) práticas de cultos, sua relação com os homens e a natureza.

c) a hierarquia religiosa

d) a adivinhação social e familiar.

e) organização social e familiar.

f) Manifestações religiosas.

Por onde caminha Arthur Ramos ao longo de seu amadurecimento teórico? Fazendo críticas a "linhagem da antropologia" iniciada na Bahia, no século XIX.

> E, no entanto, os estudos sobre o Negro, no Brasil, apresentam vários aspectos, a exigir especialistas em domínios científicos diversos. É um problema histórico: a questão do tráfico, os povos Negros importados, a história da escravidão, etc. É um problema antropo-geográfico: a antropologia física dos negros importados, suas características antropológicas no Brasil, em função do novo meio, etc. É um problema de antropologia cultural: religiões, hábitos, tradições, folclore, cultura material... É um problema biológico: a questão da heredologia racial, problemas de mestiçagem... É um problema lingüístico: a influência das línguas africanas no português do Brasil. É um problema sociológico: a influência do Negro na vida brasileira; problemas de relações de classe e de cultura. É um problema social e político: o movimento Negro em face dos seus problemas (RAMOS, 1971, p.206).

Sem, contudo, deixar de reconhecer a importância de intelectuais construtores do campo de conhecimento.

> Ainda sobre o Negro e o mestiço brasileiro ainda escreveu Nina Rodrigues vários trabalhos, sobre questões de antropologia criminal e do psicológico coletivo. Infelizmente, preso às teorias científicas do seu tempo, Nina Rodrigues defendeu algumas teses inadmissíveis, como a das desigualdades raciais, da degenerescência da mestiçagem, com as conseqüências, na ordem política e social, destes pontos de vista. Ele atribuiu a contingência da raça o que hoje atribuímos a contingências de culturas. Mas, não se pode negar a honestidade, a dedicação, o espírito científico, que nortearam os seus estudos. Nina Rodrigues trabalhou as hipóteses de trabalho da sua época(ibid,p. 209).

Em "O Negro Brasileiro (1934)- etnografia religiosa e psicanálise", Artur Ramos declara o seu interesse pelo trabalho educativo. Neste mesmo livro, tece algumas articulações entre o trabalho de Higiene Mental das escolas do Distrito Federal e as suas pesquisas sobre "o negro", fazendo referências ao "primitivo" como uma criação do "civilizado", como o "anormal" era uma criação do "normal".

A grande ironia dessa história é que o intelectual Arthur Ramos, estudioso da "cultura negra", do lugar do Negro na constituição da "nação" brasileira, crítico do pensamento racista, contribuiu para afastar maior e melhor reflexão sobre as singularidades e especificidades impostas socialmente à vida e à educação da criança pobre e, geralmente, negra.

NOTAS

[1] Livro publicado pela Librairie Arthème Fayard, em 1988.
[2] A Dissertação da Dra. Nise da Silveira que tornar-se-ia, com sua vinda para o Rio de Janeiro, conhecida e reconhecida por suas inovações teóricas e práticas no tratamento de doentes mentais, encontra-se no acervo da Faculdade de Medicina da Bahia prestes a se perder pelo estado de deterioração em que se encontra. Dra. Nise foi a grande divulgadora da linha junguiana no Brasil, tendo fundado o Museu do Inconsciente.
[3] Dr. Lamartine de Andrade Lima é médico-legista com pós-graduação em Medicina Legal pela Universidade Federal da Bahia, ex-professor de Medicina Legal da Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública, sendo membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e presidente do Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins.
[4] A importância da Faculdade de Medicina da Bahia é analisada por Lílian Moritrz Schwarcz no livro O Espetáculo das Raças, publicado pela Ed. Companhia das Letras.
[5] Em 1918, após solicitar seu desligamento da Faculdade de Medicina da Bahia, Oscar Freire se transfere para o sudeste assumindo cátedra em São Paulo.
[6] Afrânio Peixoto foi médico legista e intelectual atuante em diversas áreas. Nasceu em Lençóis, na Bahia, em 1876. Formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia, com a tese Epilepsia e Crime (1898) . Foi político, professor, crítico, ensaísta, romancista, historiador literário Em 1902, a chamado de Juliano Moreira, mudou-se para o Rio, onde foi inspetor de Saúde Pública (1902) e Diretor do Hospital Nacional de Alienados (1904). Fez concurso e tornou-se professor de Medicina Legal da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1907). Na área de educação foi diretor da Escola Normal do Rio de Janeiro (1915); diretor da Instrução Pública do Distrito Federal (1916).; professor de História da Educação do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1932). No magistério, chegou a reitor da Universidade do Distrito Federal, em 1935. Foi membro de uma Comissão Especial responsável pela renovação dos métodos de identificação criminal nomeada por Getúlio Vargas. Quando da morte de Euclides da Cunha, (1909), foi Afrânio Peixoto quem examinou o corpo do escritor assassinado e assinou o laudo respectivo. Foi eleito em 1910 para a Cadeira n. 7, da Academia Brasileira de Letras, sucedendo Euclides da Cunha.

[7] José Tavares Neto, seu editor, é autor do texto no qual apresenta o periódico, nas duas mídias. Reproduzimos aqui partes da apresentação: “Em 1831, foi lançada a primeira publicação médica do Brasil: os Seminários de Saúde Pública, da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro (posteriormente transformada em Academia Imperial de Medicina), os quais deram origem aos Anais da Academia Nacional de Medicina, editados até os dias atuais. Mas, a primeira revista médica brasileira, estritamente voltada às publicações científicas, foi a Gazeta Médica da Bahia (GMBahia), tendo entre os seus fundadores sete ilustres médicos da cidade da Bahia e o estudante de Medicina Antonio Pacifico Pereira.[...].A GMBahia circulou regularmente entre 1866 e 1934, depois entre 1966 e 1972, com um número avulso em 1976. Em 1984, os professores Eurydice Pires de Sant'Anna (Escola de Biblioteconomia) e Rodolfo Teixeira (Faculdade de Medicina da Bahia) organizaram o índice cumulativo da GMBahia de 1866 a 1976, com a citação de todos os 3.870 trabalhos publicados naquele período. Mais recentemente, em 2002, foram digitalizados todos os trabalhos publicados até 1976 e alguns textos em livro-impresso[...].Com esse passado, não parece exagero escrever que a classe médica do Estado da Bahia e, muito especialmente, os docentes da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB) têm como deveres o soerguimento e a continuidade desse relicário da Medicina brasileira.[...].Em 2008, no ano das Comemorações do Bicentenário da FMB, com o apoio da Prof. Aldina Barral todos os números da GMBahia, de 1866 a 1984, compilados pela Dra. Luciana Bastianelli, foram incluídos neste "site" e esses, juntos aos conteúdos dos números mais recentes (a partir de 2004), podem ser livremente consultados por palavra-chave, ano, autor ou título.

[8] Sidney Chaloub em 'A Cidade Febril – cortiços e epidemias na corte imperial – ' parte da Cidade do Rio de Janeiro, a demolição dos cortiços e ação dos infeccionistas para, além de discutir a necessidade de erradicar doenças infecto-contagiosas, recuperar as formas de resistir que as comunidades negras criaram à vacinação, incluindo os cultos dos orixás.
[9] Josué de Castro, médico por formação e geógrafo por escolha existencial e ação profissional ficou conhecido pela segunda formação. Entre seus livros tornou-se um clássico "A Geografia da Fome". Chefiava outro Departamento na UNESCO no mesmo período de Ramos.
[10] Em nota Luitgarde O. C. Barros informa que o relato feito por Josué de Castro consta em entrevista com o intelectual, publicada pela passagem de 10 anos de sua morte por FASE, IBASE, em coletânea organizada por Anna Maria de Castro em 1983.
[11] As anotações sobre a Defesa de Tese de Arthur Ramos constam nas páginas 217/218 do Livro de Atas de 1926, que só tive acesso devido ao trabalho prestativo e atencioso da Profa. Dra. Cristina Fortuna, já que o Guia Remissivo existente está muito desatualizado. A Professora em trabalho quase solitário busca refazer o Guia.
[12] Luitgarde O. C. Barros, em nota, atribui a informação a Luiz Aguiar Costa Pinto que ouvira o relato de seu pai, presente à recepção citada. Os grifos da citação são da autora.
[13] Mariza Corrêa em "Traficantes do Excêntrico – os antropólogos no Brasil dos anos 30 aos anos 60". Texto disponível da Internet que, como esclarece a autora, faz parte de um trabalho de pesquisa em andamento sobre a História da Antropologia no Brasil.
[14] Ressaltamos os trabalhos feitos pela Profa. Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, Profa. Marta Abreu, Prof. Marcos Vinicius Cunha, Marcos Chor Mayo, através de diversas lentes de análise.
[15] Para melhor adentramos nos meandros das obras de Gilberto Freyre, particularmente Casa Grande e Senzala e Sobrados e Mocambos, tendo como eixo o conceito de híbrido (hybris) recomendamos o livro Guerra e Paz e a Obra de Gilberto Freire nos Anos 30, de Ricardo Benzaquen de Araújo (2005).

[16] Eugênio Tanzi, psiquiatra italiano nascido em 26 de janeiro de 1856.Trabalhou em várias regiões da Itália até chegar à Universidade de Florença, onde se manteve até o final de sua carreira.Concebia o sistema nervoso como constituído por um conjunto de neurônios separados por distâncias mínimas onde as ''ondas neurais' induziam o crescimento dos neurônios, facilitando a passagem de estímulos. Alguns anos mais tarde, em 1897, o fisiologista Inglês Charles Scott Sherrington propôs o termo sinapse para o espaço de conexão entre neurônios. Nesta linha Tanzi conduziu a pesquisa original sobre a memória associativa e atrofia experimental dos centros nervosos.